



Jornal das comunidades de
Areal, Povoação, Entre Rios e
Regência com a Fundação Renova
Setembro 2021 | Edição 18

VOZ DA FOZ



Imagem cedida por Siméão Barbosa
dos Santos, de Povoação

Pescadores reivindicam melhorias para a
categoria na reparação da Foz do Rio Doce

pg.
6

EDITAL PARA GRUPOS PRODUTIVOS DA PESCA E AQUICULTURA COM INSCRIÇÕES PRORROGADAS

Em agosto, foi lançado o primeiro edital para selecionar e apoiar projetos de grupos produtivos ligados à pesca e à aquicultura. Que tal tirar as ideias do papel e colocá-las em prática? São muitas as possibilidades, como propor a melhoria, ampliação ou retomar a operação de projetos de aquicultura já existente, a aquisição de equipamentos ou veículos frigoríficos e até a implantação de uma unidade modular de beneficiamento de pescado.

As inscrições foram prorrogadas até 22 de outubro. Alguns representantes da pesca de Regência e Povoação demonstraram interesse na proposta e querem entender melhor como podem participar. Por isso, separamos os principais pontos para explicá-los a seguir. Além disso, uma cartilha virtual está sendo distribuída com todos os passos para que os interessados aproveitem essa oportunidade. Para acessá-la, [clique aqui](#).

Quem pode participar?

Grupos de pelo menos 3 pessoas cadastradas na Fundação Renova que façam parte das duas categorias. São eles:

- Pescadores profissionais com o RGP (Registro Geral de Pesca) ativo ou com protocolo emitido entre 2014 e 2015.

- Aquicultores regularizados, com licenciamento ambiental para sua atividade.

Pescadores sem o RGP podem participar, desde que respeitem a quantidade mínima de pescadores profissionais e aquicultores regularizados que compõem o grupo. Cada município tem uma quantidade mínima.

Quais valores serão disponibilizados para os grupos?

Depende. O edital aceitará grupos formais e informais. Os formais são pescadores e aquicultores que são organizados em associações, colônias ou cooperativas. Os informais são os que se juntaram e formaram um grupo para submeter propostas, mas não possuem CNPJ e nem representatividade de entidades de classe. Para os grupos formais, o valor das linhas de investimento será mais alto, podendo chegar a R\$ 900 mil. Já os informais terão acesso a linhas de até R\$ 60 mil.

Como faço a inscrição?

Para se inscrever de forma gratuita, você precisará enviar a proposta pelo [site da Renova](#) ou [Portal Prosas](#) e outros documentos. Os anexos do edital fornecem modelos com dicas de preenchimento e vão te ajudar no envio de todo o material para concluir sua inscrição. Boa sorte!

Expediente

Coordenação

Adriana do Carmo

Jornalista responsável:

Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG

Reportagem:

**Leandro Bortot | Eliene Santos |
Victor Cordeiro | Leticia Silva**

Direção de arte:

Humberto Guima

Fotos

As fotos desta edição foram cedidas por seus respectivos proprietários

As matérias desta edição foram sugeridas pelo grupo de comunicação, formado pelos moradores:

Andrea Aparecida Ferreira Anchieta, Jucilene Penha da Silva, Julcimara Penha da Silva, Juliana Teixeira da Silva, Julinenis Rodrigues Penha, Josenita Pereira dos Anjos, Lucas Guilherme Coutinho, Maria das Graças Moraes, Michel Gomes Pedro.

As opiniões expressas neste jornal, por parte de entrevistados e articulistas, não representam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo de responsabilidade de seus autores.



Fique por dentro

MORADORES COBRAM NOVAS EXPLICAÇÕES SOBRE A QUALIDADE DA ÁGUA TRATADA

Imagem cedida



Os moradores de Regência continuam insatisfeitos com a água que chega em suas casas. Segundo relatos, em algumas vezes ela apresenta cor e cheiro forte de cloro. “Não dá para beber, cozinhar, lavar roupas claras e nem tomar banho. Ficamos com uma coceira terrível. Por que essa cor, pra que tanto cloro?”, indagou a moradora Mirian Nascimento. Outro ponto de dúvida é o motivo da redução dos caminhões pipas que abasteciam a caixa d’água da comunidade.

O que diz a Renova?

Sobre a cor

Algumas vezes, a água chega com cor devido às manutenções realizadas no sistema de abastecimento. Quando isso acontece, os moradores são comunicados por WhatsApp pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE).

Sobre o cloro

O SAAE utiliza cloro para eliminar vírus e bactérias causadores de doenças. A quantidade colocada está de acordo com a legislação.

Sobre os caminhões pipa

O número de caminhões pipa foi reduzido pois 90% da água distribuída é tratada na Estação de Tratamento de Água de Regência. O caminhão abastece os 10% restantes.

PROFISSIONAIS LOCAIS DA SAÚDE SÃO CAPACITADOS

A comunicação é uma ferramenta poderosa para o controle de riscos e a promoção da saúde, principalmente num cenário de pandemia ou de desastres. A enfermeira Yasmim Duarte Ferreira participou do curso sobre Comunicação de Risco à Saúde quando ainda atuava na Unidade Básica de Saúde (UBS) de Regência.

A área temática faz parte de um pacote de capacitações exclusivas para profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS) que atuam nos municípios atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão nas áreas de vigilância em saúde, atenção primária, atenção secundária e saúde mental. O programa de capacitação ofertado pela Fundação Renova foi estruturado em 11 áreas temáticas e

será executado ao longo de 24 meses. A expectativa é formar 1.740 profissionais, sendo 440 da Foz do Rio Doce, com ações que possam ajudá-los no atendimento às famílias atingidas.



“Aprendemos bastante, principalmente sobre a importância da comunicação no controle de riscos à saúde, expandindo o que entendemos sobre segurança, proteção ou perigo para pensarmos em políticas públicas eficientes”, contou Yasmin.





MORADORES CRIAM DOCUMENTÁRIO SOBRE AS ORIGENS DA VILA MÁGICA

Com uma câmera na mão e uma grande vontade de ouvir e contar histórias, o analista de redes sociais, **Marcos Tito**, de 21 anos, gravou com outros jovens da vila o filme “Memória de Regência Augusta”. O documentário foi fruto da participação deles na oficina de audiovisual pelo projeto “Identidade Regência”, contemplado pelo Edital Doce.

Foram quatro semanas de aulas teóricas e práticas, onde 8 jovens aprenderam a entrevistar, a escrever roteiros, a utilizar os equipamentos de filmagem e a editar vídeos. O “Memória de Regência Augusta” foi dividido em três partes, cada uma com fotos e trechos de vídeos antigos coletados entre os moradores, além de depoimentos de personalidades que contribuíram com a cultura do distrito.



Imagem cedida

Ao todo, 22 jovens participaram das oficinas de audiovisual e produziram vídeos sobre Regência



“Queríamos dar voz para as pessoas mais velhas e registrar nossas origens. Muitos moram aqui há tanto tempo, mas não conhecem a história desse lugar”, afirma Marcos. “Esse conteúdo, mais os relatos, deram ainda mais identidade para a nossa história”.

Bibil Santioro foi uma das entrevistadas. A artesã falou sobre as bandas de congo, a biblioteca comunitária e o museu da vila. “Quando eu e meu marido, Sangália, viemos pra cá, enxergamos com o nosso olhar crítico de cultura que aqui era um celeiro de cultura e que muita coisa poderia ser feita, principalmente resgatar a memória do Caboclo Bernardo. Com a experiência dele, como ator e diretor de teatro, e a minha, enquanto técnica cultural, produtora de cultura com vários cursos e diretora de produção, sabíamos que poderíamos contribuir”, conta Bibil.

“Há um vilarejo ali”

E foi deste celeiro de cultura que nasceu outra produção da oficina de audiovisual - um videoclipe com a música Vilarejo, de Marisa Monte. Outros 14 jovens participaram desse trabalho. A história se passa em Regência e tem como personagem principal um cachorro.

Ele se perde de suas tutoras e percorre toda a vila para encontrá-las, mostrando diversos pontos turísticos e a rotina dos moradores. Criativo, né? Os dois vídeos foram exibidos em um evento on-line e estão disponíveis no YouTube. Assista e valorize as produções da comunidade!



Nos bastidores do projeto

A orientadora do “Identidade Regência”, **Simone Marçal**, de Vitória, conversou com a gente sobre como foi realizar o projeto na vila e o envolvimento dos jovens nas gravações.

Por que esse projeto foi criado?

Simone: Nossa proposta era levar para os jovens o sentido de pertencimento a partir do audiovisual. A ideia era que eles pudessem contar a sua história, mostrar que o lugar tem uma identidade, tudo isso por meio dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas.

E como foi a escolha do tema das atividades?

Simone: O tema foi escolhido pelos alunos, juntamente com os oficinairos. Eles entenderam que, assim como o nome do projeto, é importante registrar as histórias das pessoas da vila. Assim nasceu o documentário. E os pontos mais lindos do lugar deram vida ao videoclipe.

Por que esse registro é importante?

Infelizmente se os mais velhos não puderem repassar o que sabem para os mais novos, muita coisa se perde. Eles entenderam a proposta e tivemos trabalhos incríveis.

A cultura de “Povoca”

Do outro lado do rio Doce, em Povoação, outro projeto contemplado pelo Edital Doce se propôs a produzir e instalar placas rústicas com nomes de ruas, mensagens de acolhimento e de educação ambiental.

Sessenta placas foram feitas pelos membros da Associação de Turismo de Povoação - Condutores Sumaré, entre eles, Deizielly Anchieta Oliveira. A jovem, em conjunto com os demais condutores, acredita que a iniciativa é um ganho para a comunidade, pois, além de orientar, traz vida para o local.



“Aqui não tinha sinalização e, por ser uma região turística, precisávamos de algo do tipo. Ajuda o turista e até mesmo quem mora aqui a se localizar, porque tem gente que não sabe os nomes das ruas. Temos que fazer coisas que possam agregar melhorias para nossa comunidade”, disse a condutora Deizielly.



Imagens cedidas

O “Identidade Regência” e a instalação de placas em Povoação estão entre os 87 projetos de turismo, cultura, esporte e lazer do Espírito Santo apoiados pelo Edital Doce da Fundação Renova. Lançada em janeiro de 2020, a primeira edição será finalizada somente em setembro de 2022, em função da pandemia.

Contudo, o lançamento da segunda edição está confirmado. “Junto com a Câmara Técnica, estamos trabalhando no formato da segunda edição para este ano, mas ainda não temos uma data prevista”, afirma a gerente de Educação e Cultura da Fundação Renova, Erika Carvalho.





PESCADORES FAZEM REIVINDICAÇÕES PARA A CATEGORIA

Desde 2016, a Justiça Federal do Espírito Santo proíbe a pesca na área marinha da Foz do Rio Doce, entre Barra do Riacho, em Aracruz, até Degredo, em Linhares, até 20 metros de profundidade. Por isso, as famílias que dependiam dos peixes para tirar o seu sustento se viram obrigadas a buscar novas fontes de renda e sofreram um grande impacto em suas vidas. Quase seis anos depois, muitas já receberam a indenização a que têm direito, mas ainda assim demonstram incerteza em relação ao futuro da categoria, que até hoje não pôde retomar sua atividade.

Pescador de Povoação, Janilson Eusébio Leite afirma ter recebido parte da sua indenização no início do processo reparatório. De lá pra cá, ele conta com os recebimentos do Auxílio Financeiro Emergencial e do Lucro Cessante.

Para complementar a renda, tem tentado desenvolver trabalhos na área da agricultura, mas sabe que muitos possuem uma realidade diferente. “Em Povoação, quem pesca só vive de pesca. Eles não sabem fazer outra coisa a não ser pescar. Depois da quitação vai ficar difícil, porque vão ter que procurar outro lugar onde possam fazer isso”, relata.

O presidente da Associação dos Pescadores de Regência (ASPER), Leônidas Carlos, é ainda mais direto ao falar sobre a situação. “A demanda dos pescadores é voltar a pescar, liberar a pesca. Tem que botar isso no Diário Oficial, falando que na Foz do Rio Doce eles podem pescar, comer e vender. Pro comprador vir, comprar o peixe e levar tranquilo sem o pessoal apreender”, desabafa. Ele também questiona o andamento das ações voltadas para a categoria.



Leônidas (à esquerda) e Janilson (à direita) ressaltam a importância da retomada da pesca para a economia da região da foz

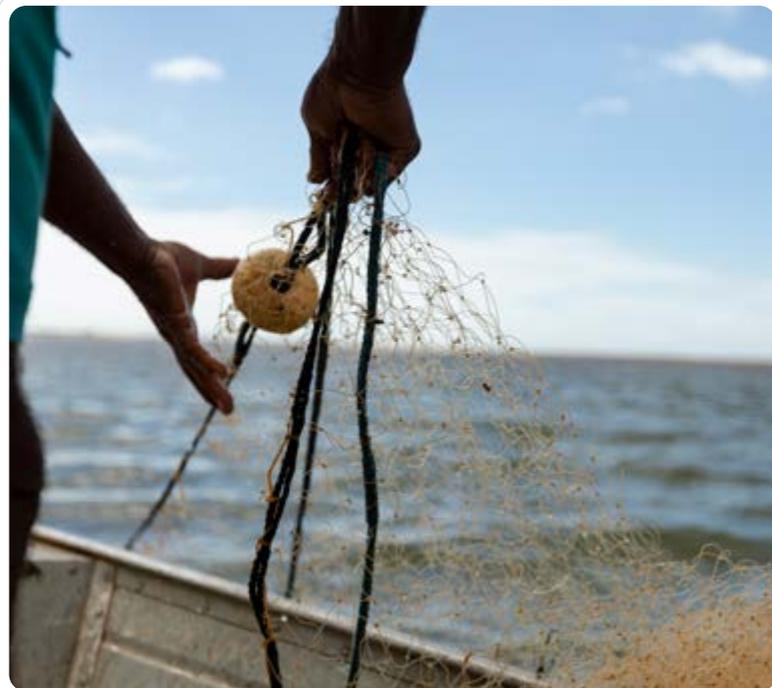
Renova esclarece

A Fundação Renova lamenta que a pesca na área marinha da Foz do Rio Doce, entre Barra do Riacho e Degredo, fonte de renda para muitas famílias, ainda esteja proibida pelas autoridades, mas reforça que a atividade pode ser realizada na porção capixaba da Bacia do Rio Doce, apesar disso não atender às necessidades de todos. Além disso, o consumo de peixes e pescados de rios próximos à foz é considerado seguro na quantidade recomendada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que é de até 200 gramas diários para adultos e 50 gramas para crianças.

Para apoiar os pescadores da região que já foram indenizados e os que ainda aguardam a reparação financeira dos danos que sofreram, mas não podem voltar a pescar no mar, por enquanto, há projetos que atuam na diversificação econômica da região, como a criação de abelhas sem ferrão (meliponicultura) e a oferta de cursos gratuitos de qualificação profissional.

O “Cultivando para Pescar”, de aquaponia, é um desses projetos. As capacitações e atividades presenciais, paralisadas desde o ano passado em função da pandemia, foram retomadas em setembro para que os pescadores continuem aprendendo a produzir peixes e cultivar hortaliças no mesmo tanque.

Em Povoação, o Projeto de Associativismo e Cooperativismo segue assessorando a Associação dos Pescadores e Assemelhados de Povoação (APAP) na revisão de seu estatuto e na criação de ferramentas para auxiliar em sua gestão. Além disso, estão previstas ações de assistência técnica e extensão rural para grupos de pescadores em toda a bacia, nos dois estados, com início previsto em 2022 e duração de dois anos.





CADÊ O TURISTA QUE ESTAVA AQUI?

Pescadores de Povoação alegam que a queda no turismo tem afetado o bolso

Pesca e turismo são duas atividades muito diferentes, mas na Foz, assim como em muitas comunidades pesqueiras do Brasil, elas andam bem juntinhas. Em Povoação, por exemplo, onde a maioria dos moradores vive da pesca, os turistas eram ótimos clientes. “Era difícil contar o tanto de gente que vinha aqui. Para os pescadores, isso era maravilhoso. Dava para vender bastante peixe”, conta a filha de pescador e membro da Associação de Turismo de Povoação do Rio Doce - Condutores Sumaré, Lucilene Alves Silva.

Hoje, essa não é mais uma realidade. Segundo Lucilene, desde o rompimento da barragem, o número de turistas diminuiu consideravelmente e isso tem impactado o bolso de quem vivia da pesca.



“Desde a tragédia, algumas pessoas acreditam que não tem nada aqui. E não é verdade. Povoação é um lugar aconchegante, com tantas belezas. Estamos nos desdobrando para despertar nas pessoas o interesse de nos visitar novamente. Afinal, precisamos deles, pois a maioria depende disso”, ressalta Lucilene.

Para dar a volta por cima

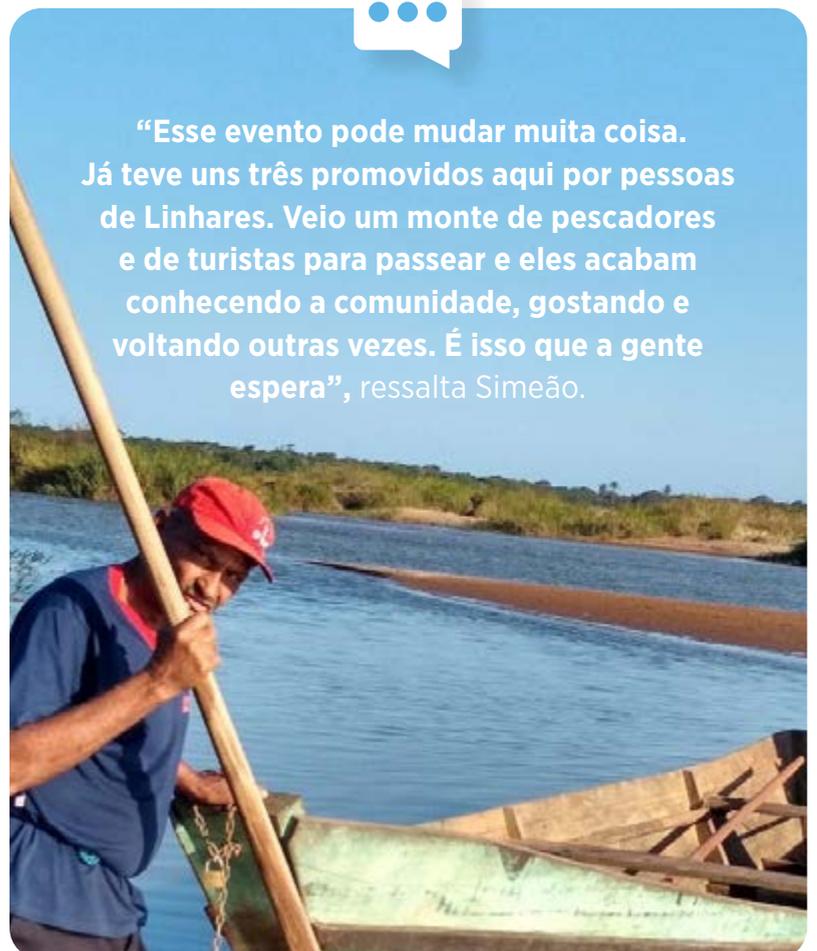
Para mudar a realidade de Povoação, os pescadores e condutores Sumaré têm usado e abusado das redes sociais para divulgar as belezas da comunidade. “A gente escolhe as melhores fotos e vídeos e postamos nas páginas do Facebook. Uma curtida, um comentário ou um compartilhamento já nos ajuda”, conta a filha de pescador.

A Fundação Renova também vem intensificando as ações que fazem parte do Programa de Apoio ao

Turismo, Cultura, Esporte e Lazer (PG13) para aumentar o número de turistas na vila. Algumas dessas ações são: realizar o Edital Doce, que seleciona e repassa recursos financeiros para iniciativas e projetos dos moradores; apoio financeiro aos eventos e festas locais; investimentos na recuperação de infraestruturas de apoio ao turismo; e projetos de fortalecimento institucional ao turismo.

Uma novidade que começa ainda este ano é o Torneio de Pesca, um evento que quer retomar a pesca esportiva no balneário, possibilitando a geração de renda, o desenvolvimento local e a capacitação de condutores de turismo de pesca. São duas edições previstas, uma em 2021 e outra daqui dois anos. Trata-se de uma esperança, como destaca o pescador e presidente da Associação dos Pescadores e Assemelhados de Povoação (APAP), Simeão Barbosa dos Santos.

“Esse evento pode mudar muita coisa. Já teve uns três promovidos aqui por pessoas de Linhares. Veio um monte de pescadores e de turistas para passear e eles acabam conhecendo a comunidade, gostando e voltando outras vezes. É isso que a gente espera”, ressalta Simeão.





FUNDAÇÃO E TETRA MAIS VÃO EXECUTAR PROJETO DE MELIPONICULTURA

Há três anos, Cleudionias de Jesus, de Povoação, iniciou sua história como meliponicultor - ou seja - ele cria abelhas nativas sem ferrão. Até o momento, o trabalho não é a sua principal fonte de renda, mas ele ainda acredita que pode aprender muito mais para ganhar dinheiro com a produção de mel e de outros produtos derivados.

Depois de um tempo paralisado, o projeto de Meliponicultura da Foz está de volta com a Tetra Mais. A consultora foi recentemente contratada para ensinar as famílias interessadas em desenvolver a atividade. O projeto terá duração de dois

anos. Durante esse tempo, elas irão receber caixas de abelhas nativas sem ferrão, como a da espécie Jataí, e aprender a cuidar delas.

Degredo juntou-se às comunidades de Povoação, Regência, Areal e Entre Rios e a expectativa é que o número de famílias participantes cresça de 28 para 80. Cleudionias, que está desde a primeira turma, torce pelo projeto. “Acho que tem tudo pra dar certo. Na teoria é um bom projeto.

Agora é colocar na prática pra ver como vai sair”, diz ele.

Procure a equipe do Diálogo para se inscrever e participar!

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA PRODUTORES

Tirar o melhor proveito da terra e da criação de animais sem agredir a natureza e a saúde dos bichos é o objetivo de qualquer produtor rural, não é mesmo? Inclusive o do Seu Constantino Fernandes. Ele é proprietário do sítio São Benedito, que fica em Linhares, às margens do rio Doce. Lá ele planta cacau e desde o início do ano recebe assistência técnica rural.

Quem faz esse trabalho é a Plural, empresa contratada pela Fundação Renova para atuar junto aos produtores rurais



“Recebi três visitas e gostei da assistência. Acredito que vai trazer um bom retorno para os produtores da região”,
contou Seu Constantino.



Imagem cedida

Técnicos da assistência rural visitam propriedades para estudar impactos e executar melhorias produtivas

atingidos e cadastrados. De início, os danos causados às produções são avaliados e reparados com ações para desenvolver o solo, o plantio e os resultados da produção.

Depois, durante dois anos, os produtores são orientados a melhor utilizar os recursos naturais disponíveis, bem como as demais estruturas de sua propriedade. Cerca de 90 capixabas estão participando da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).



OBRAS DO CIT EM REGÊNCIA SEGUEM TRAVADAS EM MEIO À PANDEMIA

Espaço será construído no Centro Ecológico, mas depende de ajustes formais no projeto para o início da reforma

A construção de espaços físicos do Centro de Informação Técnica em Linhares e nos municípios mineiros de Governador Valadares e Mariana teve o prazo impactado pela pandemia e por questões técnicas e, por isso, ainda não saiu do papel. O CIT da Foz será montado no Centro Ecológico de Regência, área do ICMBio, e conterà informações sobre o rompimento da barragem de Fundão, mostra de exposições, biblioteca, auditórios e sanitários.

O oceanógrafo João Carlos Alciati, mais conhecido como Joca, trabalha no local. Ele acredita que o projeto trará muitos benefícios para a região. “Sem dúvida vai ser importante para todos terem clareza do que de fato aconteceu e está acontecendo com o rio Doce. Além de ser incorporado aos planos de educação ambiental e de turismo ecológico, que é um dos ativos dessa região”, afirma.

Joca acha que a escolha do local foi apropriada devido à estrutura já existente no espaço. O atraso para o início da obra, no entanto, foi um ponto criticado por ele.



“Por enquanto estamos finalizando as trocas de documentos para o Acordo de Cooperação Técnica e a Renova está finalizando o projeto executivo”, afirma Joca.

Em meio às conversas sobre o que se espera do projeto, a comunidade propôs à Fundação uma mudança na ordem de implantação do CIT. Como o ICMBio já possui uma estrutura de trabalho, a ideia deles foi iniciar de uma vez

as atividades do CIT no espaço atual e fazer as reformas de forma gradativa, com o centro já em funcionamento. “Dessa forma, nós gerariamos trabalho e renda na comunidade para as pessoas que vão trabalhar aqui e já iniciariamos o repasse de informações, que é o objetivo do CIT. E as obras seriam feitas ao longo do tempo, adequando a estrutura à realidade”, explica o oceanógrafo.

Segundo a Renova, as reformas dependem da formalização do Termo de Parceria entre ela e o ICMBio, além de ajustes no projeto executivo. A reforma ainda contemplará a reestruturação da fachada e da área externa, permitindo a continuidade das atividades educativas e de lazer já desenvolvidas no centro ecológico, que também compartilha o espaço.

O CIT lançou uma plataforma digital que funcionará como um repositório de conteúdo e narrativas sobre as relações das comunidades com o rio Doce - antes, durante e após o rompimento. Você pode contribuir com relatos em formato de fotos, documentos, áudios e vídeos. Conte sua história em citdoriodoce.org!





Fique por dentro

CRIAÇÃO DE BANCOS COMUNITÁRIOS EM DISCUSSÃO

Sabia que Regência e Povoação podem ter seus próprios bancos comunitários? Esse tipo de instituição financeira existe desde 1998 no país. O primeiro deles foi o [Banco Palmas](#), criado pela Associação dos Moradores do Conjunto Palmeira, em Fortaleza (CE). Mais perto de nós, o Banco Bem, com mais de 15 anos de experiência, tem apoiado centenas de famílias de 12 bairros de Vitória a terem uma vida melhor. Hoje, 103 instituições fazem parte da Rede Brasileira de Bancos Comunitários.

Muito diferente dos bancos tradicionais, que visam ao lucro em primeiro lugar, a razão de existir dos bancos comunitários é fortalecer a comunidade. Tudo baseado na chamada economia solidária, um jeito diferente de pensar e de estar na atual lógica do mercado, trocando o individualismo e a competição pela cooperação e o apoio mútuo entre os moradores.

Aqui na Foz, a proposta de criar esses bancos está sendo discutida na Câmara Técnica de Economia e Inovação. Quando novos avanços acontecerem nessa conversa, vocês serão os primeiros informados. Enquanto isso, sabemos que esse assunto pode gerar muitas dúvidas, por isso vamos esclarecer algumas agora.



Um banco comunitário é um banco de verdade

Sim! É uma organização social que oferece serviços financeiros básicos por meio de uma moeda própria, com circulação restrita à própria comunidade, incentivando o acesso aos produtos e serviços locais ao invés dos de outros lugares. Todas essas iniciativas buscam fortalecer a produção, a comercialização e o consumo do que é produzido dentro da comunidade, gerando renda e oportunidades para as famílias.

Qual é a diferença desse banco para os outros

Bancos comunitários não buscam o lucro, mas sim proporcionar melhores condições de vida aos moradores, além de serem administrados e operados pela própria comunidade.

Como é feita essa gestão

O banco é vinculado a uma organização comunitária que tenha CNPJ. Caso ela não exista, os moradores podem criar uma pessoa jurídica específica para isso. A escolha das ações e o monitoramento delas são feitos de forma compartilhada entre os moradores, por meio de um espaço de debate das questões locais chamado Fórum de Desenvolvimento Local. Também é nesse espaço que a política de crédito é definida.

Haverá oficinas para os interessados em participar da iniciativa

Sim! Dentro dos passos para a criação de um banco comunitário estão previstas diversas atividades, como a realização de uma ampla pesquisa sobre a realidade local, a criação do Fórum de Desenvolvimento Local, além da contratação e da capacitação de agentes de crédito, moradores da comunidade que irão trabalhar na liberação de empréstimos para os interessados. Estão previstas também atividades de mentoria para empreendedores locais. Conheça outras experiências de sucesso no Brasil, como o [Banco Mumbuca](#) e o [Ateliê de Ideias](#).





FALA, CRIANÇADA!

O Dia das Crianças está chegando e elas têm um olhar especial sobre tudo que está ao redor delas! Perguntamos em Areal, Regência, Entre Rios e Povoação o que as faz feliz na comunidade. Vamos ver o que elas responderam?



“Como não pode mais tomar banho de praia e de rio, eu adoro andar a cavalo e de bicicleta pela comunidade. Fico muito feliz de ver a minha família bem e de poder estudar”.

Rafael dos Santos, 12 anos - Areal



“Quando quero brincar, vou direto pro parquinho. Lá é bem legal, posso brincar muito e essa é a melhor parte de ser criança”.

Yulianne Cubas, 11 anos - Regência



“Amo passear com minhas amigas e andar de bicicleta em Povoação. Isso me faz muito feliz. Eu gostava muito de passar meu tempo pescando nos rios com meu pai e nadando nas praias com minha família e amigos, mas depois do rompimento não fizemos isso mais”.

Maria Vitória Belo Marquiori, 11 anos - Povoação



“Aqui eu sou muito feliz porque curto muito a natureza, amo brincar na terra, plantar na roça e aproveitar todo momento com meus irmãozinhos mais novos. Brincamos de desenhar, de construir casinhas e nos divertimos muito”.

Kamilly Vitória de Jesus, 10 anos - Entre Rios

Fale com a gente



Central de Relacionamento
0800 031 2303



Ouvidoria
0800 721 0717
ouvidoria@fundacaorenova.org



CIA Linhares
Av. Augusto Pestana, 1390, Lj. 5, Centro



fundacaorenova.org/
fale-conosco

Saiba mais: Momento Renova

Terças e quintas às 9h, 15h e 20h



Rádio Cultura/Rede SIM - 920 AM
Rádio Sim Linhares - 106,1 FM
Rede Gazeta (Linhares) - 98,3 FM

Rádio Nova Onda (Linhares) - 104,9 FM
Rádio Litoral (Linhares) - 96,9 FM
Rádio Sim (Aracruz) - 107,3 FM

Rádio Sim (São Mateus) - 105,1 FM
Rádio Alternativa
(São Roque do Canaã) - 87,9 FM